



A CRÍTICA FILOSÓFICA DA IDENTIDADE EM LINDA M. ALCOFF

THE PHILOSOPHICAL CRITIQUE OF THE IDENTITY IN LINDA M. ALCOFF

André Ricardo dos Santos Lopes¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8200-9521>

Submissão: 23/04/2022

Aprovação: 19/05/2022

RESUMO:

Neste trabalho será analisada a crítica filosófica acerca da questão das identidades, principalmente a partir da obra de Linda Martín Alcoff. Para alcançar este objetivo, o método utilizado será o levantamento bibliográfico sobre o tema. O estudo será realizado a partir da leitura de obras da Filosofia e da Psicanálise que abranjam a crítica da identidade de forma central ou reflexa. Este trabalho está dividido em sete partes. Na primeira parte, será exposto o conceito de identidade. Na segunda parte serão apresentados os conceitos de racionalidade substantiva e procedimental e uma oposição entre a identidade cultural e a razão. Na terceira parte serão apresentadas as duas perspectivas diferentes de racionalidade: as racionalidades cartesiana e hermenêutica. Na quarta parte será apresentada a crítica à identidade a partir da obra de Hegel. Na quinta parte serão expostas considerações racionais sobre o si-mesmo, a partir das obras de Ricoeur, Code, Brison, Peirce e Mead. Na sexta parte será apresentada a crítica a partir da Psicanálise. Na sétima parte será apresentada a crítica realizada pelo Existencialismo, a partir, particularmente, da obra de Sartre. E, por fim, na oitava parte, será apresentada a crítica à identidade a partir da filosofia Pós-moderna, especialmente a crítica realizada por Althusser, Foucault, Derrida e Butler.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Filosofia. Crítica Filosófica. Si-mesmo. Outro.

¹ Mestrando em Direito, na área de concentração de Direitos Humanos, no PPGD FD-USP. Especialista em Direito Internacional Aplicado (OAB-SP ESA; EBRADI). Bacharel em História (FFLCH-USP) e em Direito (PUC-SP). Pesquisador do CIDHSP/APD, da Academia Paulista de Direito, vinculado à Cadeira SanTiago Dantas. E-mail: andre.ricardo.lopes@alumni.usp.br - Ark:/80372/2596/v11/007

ABSTRACT:

In this work, it is going to be analyzed the philosophical critique about the identities, mainly from the work of Linda Martín Alcoff. To achieve this goal, the method used will be the bibliographic survey on the topic. The study will be carried out from the reading of works from Philosophy and Psychoanalysis on the critique of the identity in a central or reflexive way. This work is divided into seven parts. In the first part, will be exposed the concept of identity. In the second part, the concepts of substantive and procedural rationality and an opposition between cultural identity and reason will be presented. In the third part, two different perspectives of rationality will be presented: the Cartesian and Hermeneutic rationalities. In the fourth part, the critique of identity based on Hegel's work will be presented. In the fifth part, rational considerations about the self will be exposed, based on the works of Ricoeur, Code, Brison, Peirce, and Mead. In the sixth part, the critique based on Psychoanalysis will be presented. In the seventh part, the critique made by the Existentialism will be presented, starting from the work of Sartre. And, finally, in the eighth part, will be presented the critique of identity based on Postmodern philosophy, especially the criticism made by Althuser, Foucault, Derrida and Butler.

KEYWORDS: Identity. Philosophy. Philosophical Critique. Self. Other.

SUMÁRIO: Introdução. **1** Conceito de identidade. **2** Racionalidade Substantiva e Procedimental. **3** Racionalidade Cartesiana e Racionalidade Hermenêutica. **4** Tradição Hegeliana. **5** Considerações Racionais sobre o Si-mesmo (*Self*). **6** Psicanálise. **7** Existencialismo. **8** Pós-Modernos. **8.1** Judith Butler. **9** Conclusão. Bibliografia.

INTRODUÇÃO

Por meio deste trabalho, pretende-se analisar a crítica filosófica acerca da questão das identidades, principalmente a partir da obra da filósofa panamenha Linda Martín Alcoff.

Para alcançar este objetivo, o método utilizado será o levantamento bibliográfico sobre o tema. O estudo será realizado a partir da leitura de obras da Filosofia e da Psicanálise que abranjam a crítica da identidade de forma central ou reflexa.

Este trabalho está dividido em sete partes. Na primeira parte, será exposto o conceito de identidade.

Na segunda parte serão apresentados os conceitos de racionalidade substantiva e procedimental e uma oposição entre a identidade cultural e a razão.

Já na terceira parte serão apresentadas as duas perspectivas diferentes de racionalidade: a racionalidade cartesiana e a racionalidade hermenêutica.

Na quarta parte, por sua vez, será apresentada a crítica à identidade a partir da obra de G. W. F. Hegel.

Na quinta parte serão expostas considerações racionais sobre o si-mesmo (*self*), principalmente a partir das obras de Paul Ricoeur, Lorraine Code, Susan Brison, Charles S. Peirce e George Herbert Mead.

Na sexta parte será apresentada a crítica a partir da Psicanálise, sendo abordada a psicanálise clássica, a fenomenologia pós-husserliana, a Escola de Frankfurt e, por fim, a obra de Teresa Brennan.

Na sétima parte será apresentada a crítica realizada pelo Existencialismo, a partir, particularmente, da obra de Jean-Paul Sartre.

E, por fim, na oitava parte, será apresentada a crítica à identidade a partir da filosofia Pós-moderna, especialmente a crítica realizada por Louis Althusser, Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler. Neste trabalho, será dada especial ênfase na obra de Butler.

1. CONCEITO DE IDENTIDADE

Na obra *Visible Identities*, de 2005, a filósofa panamenha Linda Martín Alcoff, dialogando com Leibniz, apresentará o conceito de identidade na Filosofia Moderna. Segundo a autora, o conceito de identidade foi pensado para envolver um enigma, dado que compartilhar uma identidade é ser indiscernível ou compartilhar todas as propriedades, mas duas entidades que são assim indiscerníveis não podem ser individualizadas². Portanto,

² ALCOFF, L. M. *Visible Identities. Race, gender and the self*. New York: Oxford University Press, 2006, p. 47.

separar entidades nunca pode ter uma relação de identidade, uma vez que, no mínimo, não compartilham as mesmas coordenadas de espaço-tempo³.

Ao pensar a identidade como indiscernibilidade, Alcoff afirmará não é comum a compreensão da linguagem da identidade usada em relação aos grupos sociais, em que é comum falar sobre identidade nacional ou identidade étnica, mesmo quando se assume que também existem diferenças entre os indivíduos que podem compartilhar tal identidade, bem como semelhanças que tais indivíduos podem compartilhar com aqueles em outro grupo identitário⁴. A identidade, neste sentido, é concebida como algo que delimita um grupo, e, portanto, algo que cada membro do grupo compartilha. Contudo, isso é algo que não precisa ser baseado na noção aristotélica de uma característica estável e inerente. Pode ser também social e histórico⁵.

A preocupação de Alcoff nesta obra é se as categorias de grupo de identidade representam uma restrição inerente aos indivíduos. Se as identidades representam *prima facie* restrições sobre os indivíduos, então: pode-se, de fato, questionar a razão de sua construção? Além disso, por que grupos, que têm sido sistematicamente pressionados ao uso de atribuições de identidade, gostariam de manter estas identidades?⁶

2. RACIONALIDADE SUBSTANTIVA E PROCEDIMENTAL

Na obra *Sources of the Self*, de 1989, o filósofo canadense Charles Taylor, realizará um resgate histórico de aspectos esquecidos do Si-mesmo (*self*). A partir deste ponto, afirmará que a deliberação racional sobre objetivos amplamente morais sempre ocorre dentro de um contexto cultural e histórico⁷.

Para Taylor, ao pensar a questão da identidade cultural em contraposição à razão, se as pessoas não podem se desvencilhar de sua cultura, mesmo que isso signifique apenas um desligamento imaginário para fins de crítica reflexiva, então eles não podem ganhar a distância crítica necessária para o julgamento racional e, portanto, mesmo sua fidelidade à sua cultura não pode ser racional⁸.

³ Ibid.

⁴ Ibid., p. 48.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., p. 49.

⁷ Cf. TAYLOR, C. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

⁸ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 53.

Ao fim, Alcoff exporá que na filosofia Moderna ocidental, a racionalidade requer que não mantenhamos um apego, ou mesmo favorecimento presumido, à nossa identidade cultural substantiva⁹.

3. RACIONALIDADE CARTESIANA E RACIONALIDADE HERMENÊUTICA

Segundo Charles Taylor, na filosofia Moderna ocidental há duas perspectivas diferentes de racionalidade: a Racionalidade Cartesiana e a Racionalidade Hermenêutica.

Estas duas racionalidades possuem distintas formas de entender a relação entre a identidade cultural e o Si-mesmo racional. Para a Racionalidade Cartesiana, a identidade social e cultural de uma pessoa deve ser objetivada antes que um apego leal a ela possa ser racional. Já para a Racionalidade Hermenêutica, tais objetivações e desengajamentos não podem ser requisitos de racionalidade em todas as condições¹⁰.

Charles Taylor trabalhará também com o conceito de “Desengajamento” (*Desengagement*). Nele, Taylor trabalha com o Método Genealógico, de Foucault e Nietzsche¹¹. O desengajamento que Taylor visa não é uma tentativa de transcende nosso horizonte hermenêutico, mas funciona, ao contrário, expandindo nossa imaginação conceitual tal que razões que até então eram ininteligíveis venham a ser inteligíveis¹².

De acordo com Alcoff, sob a perspectiva da racionalidade hermenêutica, a mudança não acontece por meio de um desengajamento completo de todos os valores com premissas e suposições de enquadramento, mas através da capacidade de imaginar a vida sob o termo de mais de um conjunto. Se a racionalidade não pode ser compreendida independentemente de um determinado horizonte, então o ditame de desengajar completamente os compromissos anteriores nunca pode ser seguido¹³.

Os autores da Filosofia Pós-moderna, por sua vez, desconfiam que a identidade não se restringe a aquelas que seguem as tradições cartesianas e, posteriormente, kantianas nas quais a autonomia, ou o desengajamento completo é uma condição necessária da racionalidade¹⁴. Michel Foucault e Judith Butler, por exemplo, seguem a ruptura hegeliana

⁹ Ibid.

¹⁰ TAYLOR, C., op. cit.

¹¹ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 55.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 56

¹⁴ Ibid., p. 56-57.

com essa tradição, que nega a possibilidade de um total desengajamento da cultura ou da história.

4. TRADIÇÃO HEGELIANA

Ao buscarmos a crítica filosófica na tradição hegeliana, devemos observar a obra de Hegel *Fenomenologia do Espírito*, de 1807, na qual há a formulação inicial da crítica ao ideal de desengajamento, com base no fato de que não pode operar como uma norma para um Si-mesmo que é necessariamente dependente do Outro, sendo este entendido individualmente, coletivamente ou estruturalmente¹⁵.

Portanto, a visão de Hegel, da qual segue que as formas epistêmicas e morais de agenciar e querem uma certa estrutura de possíveis relações intersubjetivas¹⁶.

Desta forma, segundo Alcoff, há, em Hegel, uma ruptura radical como a filosofia Moderna. Neste movimento de ser para se tornar, Hegel se afasta radicalmente da teoria da categoria constitutiva de Kant e até mesmo da explicação psicológica de Hume sobre o *self*, estabelecendo a base para um conceito mais completo de autodeterminação e de liberdade¹⁷.

Antecipado Sartre, Hegel descreve o processo de desenvolvimento que a autoconsciência sofre principalmente como uma de negação, a negação do objeto independente que o confronta, e ele torna isso um passo necessário em direção à sua “autocerteza” e, portanto, seu ser “para-si”¹⁸.

Por fim, na tradição hegeliana, será trabalhado o conceito de Sublação. De acordo com Richard Miller, Sublação é uma “Supersessão Ambigüosa”. Tem um duplo significado e é uma espécie de duplo gesto, envolvendo tanto o repúdio do Outro quanto sua absorção. A negação que inaugura o processo pelo qual a autoconsciência se desenvolve é apenas o momento inicial em direção ao sublação do Outro¹⁹.

¹⁵ Cf. HEGEL, G. W. F. *Phenomenology of Spirit*. (Translated by A. V. Miller). Oxford: Oxford University Press, 1977.

¹⁶ ALCOFF, L. M., op. cit, p. 57.

¹⁷ Ibid., p. 58.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid., p. 59.



5. CONSIDERAÇÕES RACIONAIS SOBRE O SI-MESMO (*SELF*)

A partir das obras de Paul Ricoeur, Lorraine Code, Susan Brison, C. S. Peirce e George Herbert Mead, o si-mesmo (*self*) é visto como uma narrativa produzida por meio de um movimento que só pode ser realizado em interação com o Outro.

Paul Ricoeur, em sua obra *Soi-même comme un autre*²⁰, de 1990, segundo Alcoff:

O relato de Ricoeur pode parecer mais forte que isto; seu título, afinal, é Si-mesmo como um Outro, não Si-mesmo através do Outro. Mas é essencialmente uma explicação retórica do self que ele constrói por meio de alguns empréstimos seletivos de Aristóteles, Dilthey, Parfit e outros. O argumento de Ricoeur para a retórica descrição de si mesmo é, resumidamente, isto: a ação humana é uma forma de prática subjetiva envolvendo um nível de organização que lhe confere uma 'qualidade pré-narrativa' ou 'prefiguração narrativa'. (tradução nossa)²¹

Lorraine Code, na obra *Rhetorical Spaces: Essays on Gendered Locations*²², de 1995, e Susan Brison, no artigo “*Outliving Oneself: Trauma, Memory, and Personal Identity*”²³, de 1997, argumentaram a favor da intersubjetividade, si-mesmos retóricos que passam a existir através de comunidades dialógicas.

Code argumenta que “pessoas são essencialmente segundas pessoas’ que realizam sua ‘personalidade’ ao se

²⁰ RICOEUR, P. *Oneself as Another*. (Translated by Kathleen Blamey). Chicago: University of Chicago Press, 1992.

²¹ Trecho original: “Ricoeur’s account might on the face of it seem stronger than this; his title, after all, is Oneself as Another, not Oneself through the Other. But it is essentially a rhetorical account of the self that he builds up through some selective borrowing from Aristotle, Dilthey, Parfit, and others. Ricoeur’s argument for the rhetorical account of the self is, briefly, this: human action is a form of subjective practice involving a level of organization that gives it a ‘prenarrative quality’ or ‘narrative prefiguration’”. Ibid., p. 155-167 apud ALCOFF, L. M., op. cit, p.60.

²² CODE, L. *Rhetorical Spaces: Essays on Gendered Locations*. New York: Routledge, 1995.

²³ BRISON, S. “Outliving Oneself: Trauma, Memory, and Personal Identity”, in: MEYERS, Diana Tiejens (ed.). *Feminists Rethink the Self*. Boulder: Westview Press, 1997

dirigirem umas às outras como ‘você’ (183). Brison argumenta que a autonomia é uma ‘função de dependência de outros’ (1997, 28), mas apenas porque ‘A fim de construir autonarrativas... precisamos não apenas das palavras com as quais contar nossas histórias, mas também de um público capaz e dispostos a nos ouvir e a entender nossas palavras da maneira que pretendemos’. (tradução nossa)²⁴

O Outro, assim, é necessário para não fornecer um preciso ou confirmando a reflexão de si mesmo, ou como alguém cujo reconhecimento pode render informações verdadeiras sobre si mesmo que não pode obter por qualquer outro meio, mas como o mero estágio, com efeito, ou prompt pelo qual as próprias narrativas reflexivas do *self* podem ser produzidas.

6. PSICANÁLISE

Na Psicanálise Clássica, focaremos em Sigmund Freud e Jacques Lacan. Freud enfatiza o indivíduo ou micronível e evita presumir a inevitabilidade de uma síntese superior ou uma sublação ou, na verdade, qualquer resultado necessário²⁵. Já para Lacan, que trabalha o desenvolvimento linguístico da psicanálise, há o efeito da integração de forças culturais e históricas mais amplas nos processos em que o *self* é gerado principalmente por meio de sua ênfase na importância da linguagem²⁶. O *self*, então, não pode desenvolver uma imagem verdadeira de totalidade, ou de identidade coerente, que Freud e Lacan assumem ser uma identidade que é corporalmente autônomo e sem fluidez ou fluxo.

²⁴ Trecho original: “Code argues that ‘persons are essentially ‘second persons’ who realize their ‘personhood’ in addressing one another as ‘you’”(183). Brison argues that autonomy is a ‘function of dependence on others’ (1997, 28) but only because ‘In order to construct self-narratives... we need not only the words with which to tell our stories but also an audience able and willing to hear us and to understand our words as we intend them’”. ALCOFF, L. M., op. cit., p. 60.

²⁵ Cf. FREUD, S. “Psychopathology of Everyday Life”; “The Interpretation of Dreams”; “Three Contributions to the Theory of Sex”, in: BRILL, A. A. *Basic Writings of Sigmund Freud*. New York: Modern Library, 1995. Cf. também: Id. *The Ego and the Id*. (Translated by Joan Riviere, edited by James Strachey). New York: W. W. Norton, 1962.

²⁶ Cf. LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

A Psicanálise retrata o sujeito projetando seus próprios significados em outros externos, objetos e eventos, em vez de apenas refletir os impostos significados. Tenta-se manter a ilusão de que não é, de fato, dependente do Outro, e isso pode novamente assumir a forma de incorporar o Outro necessário ao *self*, vendo-o não como outro, mas simplesmente como *self*, o que é uma tentativa de criar uma ilusão de independência ou autossuficiência

Na Fenomenologia Pós-Husserliana, por sua vez, sobre o *Self Social*, há duas tradições: a (1) interdependência intersubjetiva como equivalente à opressão inescapável; e a (2) perspectiva mais positiva. É na Fenomenologia Pós-Husserliana onde se desenvolve o Existencialismo - alternativa mais radical ao determinismo freudiano.

Na Escola de Frankfurt observamos grande contribuição também à Psicanálise. Max Horkheimer e Theodor Adorno colaboraram para ampliar a descrição freudiana da inconsciente e do sujeito em processo, a fim de descrever e explicar a coleção fenômenos culturais e culturais, mas seu uso principal era precisamente para buscar explicações nações pelo desejo de autoritarismo que testemunharam na Alemanha, Espanha e Itália²⁷.

Segundo o historiador estadunidense Martin Jay, Erich Fromm será crítico de Freud, sobre sua pulsão de morte e a importância que ele atribuiu a ela na formação de sociedade, como sendo muito biologista e determinista²⁸.

Também da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse assumiu os conceitos de *eros* e sexualidade pré-edípica como possíveis fontes para relações novas e positivas entre sujeitos, não baseados nas tendências repressivas da pulsão de morte, mas no desejo para “fundir e expandir” na direção da vida e da experiência²⁹.

Por fim, mais recentemente, nas obras *History after Lacan*, de 1993, e *The Interpretation of the Flesh: Freud and Femininity*, de 1992, a filósofa Teresa Brennan propõe que o ego do sujeito recebe sua identidade do Outro³⁰. Segundo Alcoff, Brennan entende identidade de forma semelhante à Judith Butler e expande a teoria da Escola de Frankfurt³¹.

²⁷ Cf. HORKHEIMER, M. *Critical Theory: Selected Essays*. (Translated by Matthew J. O’Connell and others). New York: Seabury Press, 1972. Cf. também: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialectic of Enlightenment*. (Translated by John Cumming). New York: Continuum, 1987.

²⁸ JAY, M. *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Boston: Little, Brown, 1973, p. 92.

²⁹ Cf. MARCUSE, H. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. London: Sphere Books, 1969. Cf. também: Id. *An Essay on Liberation*. Boston: Beacon Press, 1969.

³⁰ BRENNAN, T. *History after Lacan*. New York: Routledge, 1993, p. xii-xiii. Cf. também: Id. *The Interpretation of the Flesh: Freud and Femininity*. New York: Routledge, 1992.

³¹ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 66.



7. EXISTENCIALISMO

Para o filósofo Jean-Paul Sartre, o principal nome do Existencialismo, o si-mesmo (*self*) deve operar dentro de uma situação que restringe o escopo de suas escolhas possíveis, e que uma das mais importantes dessas restrições envolve o olhar do Outro e a subsequente alienação sentida de si mesmo³².

Em sua Ontologia da Existência Consciente, Sartre separará o que seria o *Self* “Real” – o “Para-si” – do *Self* “Substativo” – o Ego. O *Self* “Real” teria a capacidade de aniquilar o dado (*given*). O *Self* “Substativo”, por sua vez, seria a sedimentação histórica de estados por meio do qual o construímos e pelo qual normalmente identificamos um indivíduo específico³³.

A Identidade está posicionada fora do *Self* “Real”. A identidade, portanto, é diferente do para-si³⁴.

Já sobre o Outro, para Sartre, assim como em Hegel, os Outros me conhecem de uma maneira que eu não consigo me conhecer. Existe, portanto, uma dependência crítica e inevitável dos Outros. Todavia, assim como o para-si é diferente do ego, o poder que o Outro tem sobre mim é menor em Sartre do que em Hegel.

8. PÓS-MODERNOS

Entre os Pós-modernos, serão abordadas as perspectivas de Louis Althusser, Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler. Para eles, a resistência à identidade é metafísica e politicamente obrigatória, tanto quanto o possível. Esta visão é semelhante à de Sartre, porém menos do que ele imaginava³⁵. Assim, segundo Alcoff, a diferença entre a perspectiva Moderna e a Pós-moderna é o grau de otimismo sobre até que ponto o indivíduo pode negar o dado e resistir um poder externo. Os Pós-modernos são muito menos otimistas sobre a eficácia da agência individual³⁶.

³² Cf. SARTRE, J-P. *Being and Nothingness: A Phenomenological Essay on Ontology*. (Translated by Hazel E. Barnes). New York: Pocket Books, 1956.

³³ Ibid.

³⁴ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 68.

³⁵ Ibid., p. 71.

³⁶ Ibid.

Sobre a identidade, segundo Michel Foucault, a identidade é uma forma de sujeição e subjugação em que o indivíduo é interpelado dentro das estruturas do discurso³⁷. Para Foucault, as categorias sociais de identidade são sempre o produto da normalização³⁸. Por sua vez, para Jacques Derrida, semelhante a Foucault, levanta preocupações de que fazer demandas em nome de um sujeito – por exemplo, uma mulher – irá replicar estruturas de dominação porque tais demandas devem ser baseadas em um conceito de *self* substantivo (isto é, com conteúdo caracterizável)³⁹.

Já para outros autores Pós-modernos, de acordo com Alcoff, as antipatias de Derrida e Foucault à identidade são motivadas por argumentos metafísicos e preocupações políticas com as estratégias de poder. Também são numerosos pós-modernos, como Ernesto Laclau, que seguem a visão de Freud, de que apegos de identidade são baseados em patologias psicológicas e são o sintoma de uma certa disfunção do ego⁴⁰.

8.1. JUDITH BUTLER

Judith Butler busca aplicar a teoria da construção social a cada elemento do *self*⁴¹. Até mesmo, utilizando-se de Foucault, o corpo⁴². Linda Alcoff chamará a perspectiva de Butler de “Construtivismo Sintético”, pois os mesmo os elementos mais básicos do corpo e do sujeito são feitos de “materiais sintéticos”⁴³.

Segundo Alcoff, Butler possui uma das relativamente poucas análises políticas da Identidade que a abordam como uma questão de interioridade ou experiência vivida⁴⁴.

A obra de Butler *A vida psíquica do Poder: Teorias da Sujeição*, de 1997, é uma síntese entre a análise política de Foucault – uma abordagem externa, acerca de discursos e instituições – e as teorias psicológicas da tradição freudiana, especialmente Lacan – uma abordagem interna⁴⁵.

³⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. *The History of Sexuality, vol. 1*. (Translated by Robert Hurley). New York: Random House, 1978. Cf. também: FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. (Translated by Alan Sheridan). New York: Random House, 1979.

³⁸ *Ibid.*

³⁹ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 73.

⁴⁰ LACLAU, E. (ed.). *The Making of Political Identities*. London: Verso, 1994, p. 3 apud ALCOFF, L. M., op. cit., p. 74.

⁴¹ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 74.

⁴² *Ibid.*, p. 74-75.

⁴³ *Ibid.*, p. 75.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ Cf. BUTLER, Judith. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997

Assim, as categorias sociais de identidade tornam a resistência possível, mas sempre falham em identificar com precisão e, por isso mesmo, criam a necessidade de resistência. Aceitar identidades é o mesmo que aceitar *scripts* dominantes e executar as identidades o Poder inventou⁴⁶.

Para Butler, as identidades não são e nunca serão representações precisas de o *self* real e, portanto, a interpelação sempre *falha*, em sentido estrito, em sua representação reivindicada internacional, mesmo quando consegue incitar e disciplinar a prática⁴⁷.

9. CONCLUSÃO

Através deste trabalho, pudemos observar o desenvolvimento da crítica filosófica da identidade a partir da filosofia e da psicanálise.

De acordo com o exposto acima, a diferença entre Modernos e Pós-Modernos é (1) o grau de otimismo sobre até que ponto o indivíduo pode negar o dado (*given*) e resistir a um poder externo; e (2) Pós-modernos são muito menos otimistas sobre a eficácia da agência individual.

O que foi observado neste trabalho também é que muitos dos maiores críticos da identidade reconhecem que identidades são necessárias na arena política para que os movimentos possam fazer demandas “em nome de” mulheres, negros, LGBTQ+, e outros grupos de pessoas que foram estigmatizadas precisamente por causa da identidade atribuídas. Elas permitem que a reação natural às caracterizações odiosas de a identidade de alguém é tentar derrubar essas caracterizações e substituí-las por positivos ou pelo menos inofensivos. É necessário corrigir a discriminação nação por meio de políticas direcionadas de reparações e leis antidiscriminatórias. Mas os críticos de identidade analisados temem que esses movimentos organizados em torno da defesa de identidades estigmatizadas podem causar mais danos do que bem, mesmo que inicialmente sua identidade baseada o trabalho político era necessário.

Os críticos filosóficos temem que os movimentos “em nome de” identidades sociais reinscreve sua importância e reforça a ilusão nociva de sua realidade substancial. Mas geralmente os críticos de movimentos baseados em identidade têm como objetivo mostrar que

⁴⁶ ALCOFF, L. M., op. cit., p. 77.

⁴⁷ Ibid., p. 78.

essas estratégias são prejudiciais para os próprios grupos marginalizados porque, a longo prazo, seus próprios objetivos vão sair pela culatra.

Segundo Linda Martín Alcoff, em suma, as principais linhas da crítica filosófica da identidade são: (1) Identidades são restrições artificiais e opressoras sobre a indeterminação natural da individualidade; (2) Identidades são o produto de práticas opressoras, como mecanismos de autodisciplina, e o desejo pela sua “afirmação” é a manifestação de um complexo de compulsão à repetição; (3) Identidades são respostas patológicas e improdutivas, até condenadas, à falta, disfunção ou instabilidade de ego; (4) Identidades nunca são representações precisas; (5) Identidades são manifestações de uma alienação primária na qual categorias são impostas de fora. E, a partir destas informações, a conclusão alcançada por Alcoff é que (6) a liberdade, em qualquer sentido, deve ser um afastamento da identidade⁴⁸.

Por fim, para Alcoff, crítica da identidade segue alguns importantes aspectos metafísicos de suposições ou reivindicações. Especificamente, de que a verdadeira natureza do *self* é indeterminada – uma afirmação que se inicia com Hegel – e que a liberdade é a capacidade de resistir a todos que vem para o self externamente – uma visão que também está em evidência, ao menos no início, em Hegel.

Portanto, ao realizar uma análise da identidade através da racionalidade na Modernidade, da tradição hegeliana, da psicanálise, do existencialismo e dos filósofos da Pós-Modernidade, Alcoff conclui que os autores analisados temem que esses movimentos organizados em torno da defesa de identidades estigmatizadas podem causar mais danos do que bem, mesmo que inicialmente sua identidade baseada o trabalho político era necessário.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialectic of Enlightenment*. (Translated by John Cumming). New York: Continuum, 1987.

ALCOFF, Linda Martín. *Visible Identities. Race, gender and the self*. New York: Oxford University Press, 2006.

BRENNAN, Teresa. *History after Lacan*. New York: Routledge, 1993.

_____. *The Interpretation of the Flesh: Freud and Femininity*. New York: Routledge, 1992.

⁴⁸ Ibid., p. 80.



_____. “Outliving Oneself: Trauma, Memory, and Personal Identity”, in: MEYERS, Diana Tiejens (ed.). *Feminists Rethink the Self*. Boulder: Westview Press, 1997.

BUTLER, Judith. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

CODE, Lorraine. *Rhetorical Spaces: Essays on Gendered Locations*. New York: Routledge, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. (Translated by Alan Sheridan). New York: Random House, 1979.

_____. *The History of Sexuality, vol. 1*. (Translated by Robert Hurley). New York: Random House, 1978.

FREUD, Sigmund. “Psychopathology of Everyday Life”; “The Interpretation of Dreams”; “Three Contributions to the Theory of Sex”, in: BRILL, A. A. *Basic Writings of Sigmund Freud*. New York: Modern Library, 1995.

_____. *The Ego and the Id*. (Translated by Joan Riviere, edited by James Strachey). New York: W. W. Norton, 1962.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Phenomenology of Spirit*. (Translated by A. V. Miller). Oxford: Oxford University Press, 1977.

_____. *Reason in History*. (Translated by Robert S. Hartman). Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1953.

HORKHEIMER, Max. *Critical Theory: Selected Essays*. (Translated by Matthew J. O’Connell and others). New York: Seabury Press, 1972.

JAY, Martin. *The Dialectical Imagination: A History of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Boston: Little, Brown, 1973.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

MARCUSE, Herbert. *An Essay on Liberation*. Boston: Beacon Press, 1969a.

_____. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. London: Sphere Books, 1969b.

RICOEUR, Paul. *Oneself as Another*. (Translated by Kathleen Blamey). Chicago: University of Chicago Press, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness: A Phenomenological Essay on Ontology*. (Translated by Hazel E. Barnes). New York: Pocket Books, 1956.

TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.



All Rights Reserved © Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito

ISSN da versão impressa: **2236-5796**

ISSN da versão digital: **2596-111X**

academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br

www.apd.org.br



This work is licensed under a [Creative Commons License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)